

LITERATURA E MEDICINA

QUANDO OS MÉDICOS SÃO ESCRITORES E QUANDO OS ESCRITORES ESCREVEM SOBRE A MEDICINA.

Luís Afonso Dutschmann¹

Existe uma relação muito forte entre as artes e a medicina. É do conhecimento geral que muitos médicos praticam, para além da sua profissão, diferentes actividades artísticas, como: literatura, investigação histórica, poesia, escultura, pintura, (canto e a interpretação musical com os mais variados instrumentos). A literatura e poesia ressaltam dentro destas múltiplas facetas artísticas.

Desde a antiguidade clássica que os médicos se dedicam à literatura e para se ter essa noção é suficiente reflectir sobre os textos de: Hipócrates (460-377 a.C) “Aforismos” ou “Sobre o Riso e a loucura”^{1,2}; Ambroise Paré (1510-1590) nos seus livros versando a cirurgia^{3,4}; William Harvey (1578-1657) que escreveu uma obra de divulgação científica “De Motu Cordis”^{3,4}; Garcia de Orta (1500-1568) nos “Colóquios” [5] e Amatus Lusitano (1511-1568) nas “Centúrias”⁶.

Podemos considerar os médicos que foram escritores e os escritores, não médicos, que abordaram os temas relacionados com a medicina.

No mundo ocidental existiram e existem numerosos médicos que se tornaram escritores cito apenas os que atingiram grande celebridade: Friedrich Schiller (1759-1805), Georg Büchner (1813-1837), Alfred Döblin (1878-1957) – na Alemanha; Anton Tchekov (1860-1909) na Rússia; Arthur Conan Doyle (1859-1930), Somerset Maugham (1874-1965), Archibald J. Cronin (1896-1981) – na Grã-Bretanha; Robin Cook (1940) nos Estados Unidos; Axel Munthe (1847-1949) – na Suécia; François Rabelais (1483-1533), Georges Duhamel (1884-1966), Louis Aragon (1897-1982), em França. Portugal não foi excepção, e a exemplo disso temos: Silva Gaio (António Oliveira Silva Gaio (1830-1870); Júlio Dinis (Joaquim Guilherme Gomes Coelho – 1839-1871); Marcelino Mesquita (1856-1919); Fialho de Almeida (1857-1911); Júlio Dantas (1876-1962), Jaime Cortesão (1864-1960), Miguel Torga (Adolfo Rocha, 1907-1995), Fernando Namora (1919-1989), Bento Gonçalves da Cruz (1925), Bernardo Santareno (António Martinho do Rosário -1924-1980), António Lobo Antunes (1942)⁷.

Considerarei os médicos escritores que enveredaram pela ficção e que atingiram literariamente grande relevo e prestígio.

Do conjunto destes escritores poucos abordaram na sua obra temas médicos. Somerset Maugham na “Servidão Humana” retrata a vida do médico Philip Carey, com “pé boto”, que tem uma relação complexa com Mildred uma mulher que o humilha⁸. Archibald J. Cronin nas “Chaves do Reino” descreve a vida árdua de um clínico geral a praticar numa aldeia mineira do País de Gales. Revela vários tipos de médicos que vão desde os arrogantes, com indiferença pelos que sofrem, aos compassivos de dedicação extrema pelos seus doen-

tes. Descreve a forma miserável como vivem os mineiros e a escassa protecção que auferem⁹. Robin Cook, embora especialista em oftalmologia, tem nos seus múltiplos romances, do tipo policial um ponto comum a Medicina Legal. Silva Gaio, médico e professor de Higiene na Faculdade de Medicina de Coimbra, morreu cedo, vítima de tuberculose. No romance “Mário”, que relata as lutas liberais, descreve a vida de um médico neste período conturbado¹⁰ Júlio Dinis, professor da Faculdade de Medicina do Porto, nas “Pupilas do Senhor Reitor” cria o velho médico rural João Semana, personagem que embora aparentasse ser um homem endurecido, era na verdade um homem bondoso e abnegado, sempre ao serviço dos outros¹¹. Fernando Namora no romance “Retalhos da Vida de um Médico” relata as dificuldades do médico rural perante a doença e o confronto com a hostilidade e inveja dos colegas¹². No livro “Deuses e Demónios da Medicina” faz uma biografia romanceada de personalidades que considera importantes na História da Medicina¹³. António Lobo Antunes nos seguintes romances: “Explicação dos Pássaros”, “Conhecimento do Inferno” e “Auto dos Danados” vale-se da sua experiência de médico psiquiatra¹⁴⁻¹⁶.

Achei interessante ver como alguns grandes escritores, não médicos encararam a medicina. A imagem dos médicos nem sempre foi tratada com deferência e muitas vezes foi satirizada como “Le Malade Imaginaire” de Molière (1622-1673), onde o médico e o charlatão se cruzam¹⁷. Heinrich Heine (1797-1836), encontrando-se em Paris, no ano de 1832, registou os efeitos iniciais da cólera que matou 18.600 pessoas, descreve ainda o esforço das autoridades sanitárias para conter a epidemia e a revolta dos chiffonniers (trapeiros) que se opunham às mesmas³. Thomas Mann (1875-1955) na Montanha Mágica dá-nos a vivência de um sanatório para a tuberculose¹⁸. Roger Martin du Gard (1881-1958) nos Thibault revela-nos Antoine, médico dos hospitais de Paris, conservador, que é confrontado por duas vezes com a Morte. Primeiro durante a agonia do Pai, cujos tratamentos, de então, só aumentavam o seu sofrimento, pelo que é levado a abreviar-lhe a morte, A segunda passa-se com o próprio clínico, com sequelas dos gases de guerra e perante uma morte igualmente com grande sofrimento decide abreviar a própria vida¹⁹. Aleksandr Solzhenitsyn (1908-2008) no seu livro o Pavilhão dos Cancerosos narra de forma fidedigna a vivência de um Hospital que trata doentes com cancro e as terapêuticas a que eles são sujeitos, naturalmente reportando-se aos anos 60 do século passado²⁰.

Considero notáveis os testemunhos de dois grandes escritores portugueses da segunda metade do século XIX: Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz. Seguem-se dois

¹Médico

Maio de 2014

Recebido 23/06/14; Aceite 25/06/14

textos exemplificativos.

...Roberto ia readquirindo força moral, mas a corporal descia sem intermissão. Extenuavam-no as hemorragias pela boca, precedidas de pontadas no coração. O clínico da aldeia após o auscultar diagnosticou aquela anormalidade funcional e não orgânica do coração, de reflexos simpáticos da dispepsia. *Receituário: Comer, distrair-se, banhos de mar e vinho do Porto de 1815. Logo ao primeiro banho, em Espinho, sentiu-se abafado e ofegante, um estontamento com zumbidos no ouvido. Consultou outro médico da cidade, muito em dia com os avanços da medicina francesa, e que tinha feito milagres com leite de vaca e conhaque no curativo das tuberculoses... Este sábio aplicou-lhe à região torácica o estetoscópio, e capitulou de neuropatia a doença. Que continuasse os banhos de choque, uma só onda, meia chávena de café na barraca e uma colher de conhaque, brometo de potássio três vezes ao dia. Agravaram-se as dores, a asfixia e as ânsias. As palpitações ouviam-se e contavam-se a distância pelo arfar da camisa. Novo médico, vindo de Coimbra, classificou mentalmente de burros os seus colegas, e que retirasse da beira-mar. Receitou-lhe digitálicos, comer pouco, caldos, ovos, uma asa de franga e nada de álcool. O doente morreu, após um esgar de suprema angústia. Pelas comissuras dos lábios espumava gromos de sangue estriado de pus.*

Balbina, a mulher de Roberto e após a morte deste foi atingida pela loucura.

*Veio um médico do Porto. Esse sem a interrogar, depois de ouvir a exposição do colega, disse que a mandassem para Rilhafoles, onde ela iria receber sangrias, alguns cáusticos na nuca, emborcações frias à cabeça, uma camisola-de-força e algumas chicotadas se não estivesse quieta. Camilo Castelo Branco*²¹

Neste romance de Camilo podemos ter a noção como era a Medicina do século XIX, nomeadamente a terapêutica da insuficiência cardíaca e/ou broncopneumonia e da loucura.

...Sentia-se fraca, e com uma pontinha de febre. Queixava-se ainda vagamente de peso na cabeça, mal-estar...Luísa, no entanto, passava pior: tinha de repente, sem razão febres efêmeras; emagrecia... Um dia Luísa de repente, sem razão, desmaiou; e quando voltou a si ficou muito fraca, com o pulso sumido, os olhos cavados.

*Luísa passou a noite às voltas, com febre. Jorge ficou assustado com a frequência do seu pulso e do calor seco da pele Pela manhã, Luísa não se pode levantar...Luísa parecia adormecida agora, imóvel, branca como cera, as mãos pousadas sobre a colcha...Fizeram-lhe respirar mais éter; despertou... Aqui! – Disse ela, e levava as mãos à cabeça... O médico receitou sinapismos de mostarda nos pés...Os olhos dilatados tinham um reluzir metálico...Começava agora a murmurar sons cansados, e a voltar-se com movimentos bruscos que lhe arrancavam gritos. Tinham-lhe envolvido as pernas num longo sinapismo; mas não sentia. Por volta das 9 horas começou a delirar; a língua tornara-se branca e dura, como gesso sujo. O médico fez-lhe aplicar na cabeça compressas de água frias. Mas o delírio exacerbava-se. ...O médico determinou que se rapasse o cabelo... Vai-se por um cáustico na nuca...o cáustico foi inútil. Chamaram o Dr. Caminha que tratara Luísa de pneumonia no segundo ano de casada. Assistiu-se a um confronto entre um médico experiente e um académico.... Tomou o pulso de Luísa, sentiu-o fugir sob os dedos, como a vibração expirante de uma corda.*²²

Eça conta de forma magistral a evolução da doença de Luísa, mulher de um engenheiro de Minas, que é sujeita a uma chantagem violenta após a descoberta pela criada Juliana do adultério com o primo Basílio. Tinha como an-

tecedentes, após dois anos de casamento, uma pneumonia (eventualmente tratada com sucesso). Num período de tensão começa a sofrer com pequenas temperaturas que se vão tornando persistentes, acompanhadas de palidez, emagrecimento, cefaleias e mau estar geral. Evolui para convulsões, prostração e coma diagnosticando-se “Febre cerebral”. O tratamento aplicado hoje em dia é obsoleto. Muito possivelmente teve uma meningite tuberculosa.

Existem três livros que considero de leitura obrigatória para os médicos, enfermeiros, estudantes de medicina, estudantes de enfermagem e assistentes sociais. “O Homem Sorri à Morte - com meia cara” de José Rodrigues Miguéis (1901-1980), “De Profundis, Valsa Lenta” de José Cardoso Pires (1925-1998) e A Morte de Ivan Ilitch de Lev Tolstói (1826-1910).

Os dois primeiros têm de comum a experiência do próprio escritor perante a doença e que por coincidência ambas afectaram o cérebro. Por outro lado Tolstói descreve a adversidade de uma figura importante da sociedade local perante uma doença grave e evolutiva.

José Rodrigues Miguéis, escritor português, autoexilado nos Estados Unidos, no pequeno livro “Um Homem sorri á morte” narra com bastante pormenor a sua vivência como doente, em dois internamentos hospitalares. O primeiro no Beth Israel motivado por peritonite, provavelmente secundária a perfuração intestinal, e o segundo, no Hospital Público Bellevue. O segundo internamento, foi por um quadro clínico muito grave, se tivermos em conta que aconteceu no ano de 1945, causado por um abscesso cerebral. Descreve com pormenor, quase clínico, quer a sintomatologia, quer a semiologia praticada pelos diferentes especialistas que dele cuidaram. Ao mesmo tempo revela o que se passa com os outros doentes internados na enfermaria. Queixa-se da hostilidade de algumas enfermeiras em contraponto com a dedicação e bondade de outras. Refere as diferenças de abordagem dos diferentes clínicos, consoante o seu grau de diferenciação, citando o carinho de uns e a agressividade de outros, temperando estes acontecimentos com a invasão da enfermaria pelas “andorinhas brancas”, isto é as estudantes de enfermagem que enchiam a enfermaria de juventude, fresca e animação.²³

José Cardoso Pires, no pequeno romance “De Profundis, valsa lenta”, narra a recuperação mental lenta, após um acidente cérebro vascular. Quando acorda tudo lhe parece distorcido, compara as suas sensações com uma metáfora sobre o Quarteto em dó maior KV 465 de W. A. Mozart, denominado Dissonância. Realmente, os primeiros compassos aparentemente dissonantes dão lugar a uma música fluida, compreensível e bela. A compreensão do escritor e o domínio da palavra, foi lenta e progressiva, permitindo escrever esta obra.²⁴

Finalmente Lev Tolstói no seu romance “A Morte de Ivan Ilitch” traduz o crescendo de uma doença que mina o Juiz Ivan Ilitch, personalidade importante, respeitada e temida no seu meio. O afastamento dos amigos e família instala-se com a progressão do sofrimento, aliado à ignorância e indiferença dos médicos, que não conseguem diagnosticar e debelar o mal, indiferença dos subordinados que percebem que o poder do juiz vai acabar, indiferença da família, contribuindo para o maior solidão e sofrimento do doente.²⁵

BIBLIOGRAFIA

1. Hippocrate. De l'art médical. Paris: Librairie Générale Française; 1994. (Bibliothèque Classique. Livre de la Poche; 704).
2. Hippocrate. Sur le rire et la folie. Paris: Rivages Poche; 1989 .
3. Carmichael A.G, Ratzan RR. Medicine in literature and art. Ed. Könemann, High Levin Associates; 1991
4. Walker K. Histoire de La médecine. Marabout Universit; 1962
5. Conde de Ficalho. Colóquio dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia. De Garcia de Orta; Lisboa 1891-1895.
6. Amato Lusitano. Centúrias de curas medicinais. Universidade Nova de Lisboa; 1980.
7. Moreno A. Médicos artistas portugueses do século XX. Lisboa; 2000
8. Maugham S. Servidão humana. Lisboa: Livros do Brasil; 1979.
9. Cronin A. As chaves do reino. Lisboa: Ulisseia; 1974.
10. Gaio AS. Mário. Lisboa: Círculo de Leitores; 1991. (Biblioteca de Autores Portugueses).
11. Dinis J. As pupilas do senhor reitor. Lisboa: Círculo de Leitores; 1991. (Obras Completas de Júlio Dinis).
12. Namora F. Retalhos da vida de um médico. Mem Martins: Publicações Europa-América; 1989.
13. Namora F. Deuses e demónios da medicina. Mem Martins: Publicações Europa-América; 1989.
14. Antunes AL. Conhecimento do inferno. Lisboa: Vega. 1980
15. Antunes AL. A explicação dos pássaros. 9ª ed. Lisboa: D. Quixote. 1988
16. Antunes AL. O auto dos danados. 7ª ed. Lisboa: D. Quixote. 1986
17. Molière. Le malade imaginaire. Paris: Le Livre de Poche; 2012. (Théâtre de Poche; 6135)
18. Mann T. A montanha mágica. Lisboa: Livros do Brasil; 1981.
19. Du Gard R. Os Thibault. Lisboa: Livros do Brasil; 1982.1
20. Solzhenitsyn A. O pavilhão dos cancerosos. Lisboa: Círculo dos Leitores; 1975.
21. Branco CC. A brasileira de Prazins: cenas do Minho. Lisboa: Círculo de Leitores; 1984. (Obras Escolhidas de Camilo Castelo Branco).
22. Queiroz E. O primo Basílio. Porto: Lello e Irmãos editores; 1980.
23. Miguéis JR. Um homem sorri à morte: com meia cara. 4ª ed. Lisboa: Editorial Estampa; 1989.
24. Pires JC. De profundis, valsa lenta. Lisboa: Dom Quixote; 1997.
25. Tolstoi L. A morte de Ivan Ilitch. Lisboa: D. Quixote; 2008